

A CONSTRUÇÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO SOCIAL KU KLUX KLAN

THE HISTORICAL CONTEXT CONSTRUCTION OF KU KLUX KLAN AS A SOCIAL MOVEMENT

Fernando de Barros Honda Xavier

Graduando do Curso de Serviço Social do Centro Universitário Internacional UNINTER
E-mail: ferhonda@icloud.com

Pedro Gabriel de Souza e Costa

Graduando do Curso de Serviço Social do Centro Universitário Internacional UNINTER
E-mail: pedrogsecosta@gmail.com

William Rupp Benevides

Graduando do Curso de Serviço Social do Centro Universitário Internacional UNINTER
E-mail: willrupp@hotmail.com

Mariana Patrício Richter

Professora orientadora, Mestre em Gestão Urbana, Centro Universitário Internacional UNINTER
E-mail: mariana.ri@uninter.com

Valéria Pilão

Professora co-orientadora, Doutora em Ciências Sociais, Centro Universitário Internacional UNINTER
E-mail: valeria.p@uninter.com

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar a construção histórica do movimento social Ku Klux Klan como um debate necessário da existência de movimentos sociais de extrema direita. Realizou-se uma análise dos conceitos definidores do que pode ser considerado movimento social. A pesquisa bibliográfica utilizada como metodologia de pesquisa, possibilitou o estudo do desenvolvimento histórico da Ku Klux Klan desde o seu início até a contemporaneidade, assim procurando os traços que compõe suas bandeiras de luta e identidade, além do impacto causado na sociedade. Finalizando esta pesquisa, constatou-se a relevância de estudar o assunto devido ao seu impacto social e de qual forma compreender os movimentos sociais de extrema direita amplia a capacidade de reflexão da realidade.

Palavras-chave: Ku Klux Klan; Movimento Social; Extrema Direita; Serviço Social; Humanidades.

ABSTRACT

The object of the following paper is to display the historical context construction of Ku Klux Klan as a social movement because it is necessary to highlight the existence of far-right wing social movements. The authors performed an analysis of the concepts that define social movement. The bibliographical research helped to set the historical development of Ku Klux Klan from its foundation to modern times in order to identify its agenda and identity as well as its social impact. Finally, it demonstrated the relevance of such topic due to its social impact as well as the importance of understanding far-right wing social movements since such discussion enhances reality reflection.

Keywords: Ku Klux Klan; Social Movement; Far-right wing; Social Service; Humanities.

¹ Este trabalho é resultado do trabalho apresentado à disciplina de PBL- Fundamentos da Vida Social, do curso de graduação em Bacharelado em Serviço Social do Centro Universitário Internacional UNINTER.

INTRODUÇÃO

O tema em debate neste trabalho, aponta a construção e o debate da identidade dos movimentos sociais, sendo o Ku Klux Klan escolhido como objeto de estudo, portanto será investigada a identidade desse movimento social. A partir de seu surgimento no ano de 1865, após a guerra civil nos Estado Unidos, verificar-se-á os desdobramentos existentes na sociedade de acordo com a sua progressão, o que guiará a descoberta da origem de suas bandeiras de luta.

A pesquisa bibliográfica será coordenada pela seguinte problemática: qual a construção histórica da Ku Klux Klan como movimento social de extrema direita? Para responder à essa questão, será imprescindível uma compreensão ideológica dos reflexos de suas ações cíclicas em relação à sociedade do período em que surge até os anos posteriores. Dentro desse contexto, o objetivo geral é conhecer a construção histórica da Ku Klux Klan, assim, o estudo desse tema justifica-se, pois compreender as suas características é fundamental para sua identificação como movimento social de extrema direita com base na sua identidade e bandeiras de luta.

A pesquisa será dividida em quatro seções. A conceituação de movimento social e movimento social de extrema direita, a construção de sua identidade, suas características como movimento social de extrema-direita no decorrer de sua história, desde o seu surgimento até a atualidade e a identificação das suas bandeiras de luta. Nas considerações finais, será verificado se os objetivos foram alcançados.

A fundamentação teórica será feita por meio dos estudos de Bem Haas (1966) sobre a Ku Klux Klan, a análise de Carlos Montañó e Maria Lúcia Duriguetto (2011) sobre o que é movimento social de extrema direita, de que forma Gohn (2011) entende o que é movimento social, além de Rouquette (1999) e Doise (2002), os quais trarão o entendimento do movimento no sentido psicológico e social. Para a realização dessa pesquisa, o caminho metodológico escolhido foi a pesquisa bibliográfica, sendo esta colocada por Lakatos e Marconi (1985) abrangendo “toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais[...] filmes e televisão”.

MOVIMENTO SOCIAL DE EXTREMA DIREITA COMO MOVIMENTO SOCIAL

Com o intuito de fundamentar essa pesquisa, deve-se conceituar o que é movimento social, para assim entrelaçar essas definições com os movimentos sociais de extrema direita. De acordo com Gohn:

Definições já clássicas sobre movimentos sociais citam sobre as suas características básicas o seguinte: possuem identidade, têm opositor e articulam ou fundamentam – se em um projeto de vida e sociedade. [...] Não são só recreativos, movidos apenas pelas necessidades (fome ou qualquer forma de opressão), podem surgir e desenvolver – se também a partir de uma reflexão sobre sua própria experiência [...] (GOHN, 2011, p.336)

No contexto dessa definição, pode-se afirmar que os movimentos sociais são inerentes à sociedade contemporânea, sendo uma maneira de organização em busca da superação de uma demanda social. É de se enxergar também a importância das demandas, pois elas guiam os projetos ideológicos desses grupos, ou seja, formam a sua identidade com base na própria experiência dos indivíduos, para assim demarcar a sua bandeira de luta em conjunto.

É importante pontuar que as definições de movimentos sociais propostas por Gohn são abrangentes e não específicas, possibilitando a inserção das expressões de direita e extrema direita nas definições de movimentos sociais. A entrevista concedida à Paulo Flores pelo professor de gestão de políticas públicas da USP, Pablo Ortellado, no jornal digital Nexa em 2018, reforça essa possibilidade: “Seguramente, grupos organizados de direita com um objetivo comum, por exemplo, também se enquadram no conceito de movimento social”.

Pelo fato de existirem divergências acerca do que pode ser considerado, ou não, movimento social, pode-se utilizar o conceito da própria Gohn (2011), visto anteriormente, entrelaçando com o conceito de Montaño e Duriguetto (2011), que afirmam a existência de movimentos em resposta aos conhecidos movimentos sociais clássicos ou contemporâneos. Dessa forma, por possuírem uma identidade, um opositor, uma bandeira de luta e um projeto de vida e sociedade, verifica-se assim um caminho para o seu estabelecimento como um movimento social de extrema direita.

Dentro dessa conjuntura é importante, para uma compreensão mais aprofundada, definir o termo “extrema”, que possui traços de:

[...] irracionalismo, nacionalismo, defesa de valores e instituições tradicionais, intolerância à diversidade – cultura, étnica, sexual – anticomunismo, machismo, violência em nome da defesa de uma comunidade/raça considerada superior [...] distancia – se da direita tradicional pela intolerância e pela violência de suas ações [...] (BORRI, et al., 2014 p. 413,414).

A partir dessas conceituações, a análise da Ku Klux Klan pode ser realizada por meio do preenchimento dos “requisitos” que a colocariam no âmbito de movimento social, e mais ainda, de movimento social de extrema direita.

A “KLAN”

Segundo Haas (1966), após o fim da guerra civil estadunidense², os confederados, que buscavam a separação do restante do país e não aceitavam as leis abolicionistas, foram derrotados e obrigados a permanecer na União. Dessa maneira, libertaram os negros escravizados até então, gerando uma desordem social, já que sem terem para onde ir, permaneciam vagando sem destino aguardando a efetivação de promessas vindouras dos políticos do norte, de trabalho e divisão de terras.

Com base em Gohn (2011, p.336), “os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social”, com base nesta resolução, com os negros libertados e vagando a espera da efetivação das promessas dos políticos do norte, enxerga-se uma demanda social se estabelecendo vindoura dos brancos do sul, pois ao serem obrigados a apreender as leis abolicionistas, deveriam permanecer no território nacional aceitando as imposições do norte. Sendo assim, vem a necessidade de lutar pelos seus direitos.

Para fomentar esta conjuntura, os brancos sulistas também enxergavam aquele momento como sendo de corrupção, naturalizando nos negros ex-escravizados um perigo político e socioeconômico (LEWIS, M.; SERBU, J. 1999) pois a sua maioria não era alfabetizada, sendo considerados “ignorantes”, e seriam utilizados como massa de manobra pelos brancos nortistas na esfera política. É importante esclarecer que os

² Guerra civil com o intuito separatista onde os Confederados (estados do sul) ao serem derrotados, são obrigados a permanecerem juntos à União (estados do norte) como parte dos Estados Unidos (HASS, 1966).

brancos nortistas eram vistos como saqueadores e oportunistas, pois se aproveitavam da fragilidade econômica deixadas pela guerra nos estados Confederados, ameaçando também os direitos políticos sulistas.

Haas (1966) pontua que dada a falta de perspectiva, um grupo de ex-veteranos confederados reuniu-se na cidade de Pulaski no estado do Tennessee, no natal de 1865. À procura de distração, decidiram criar uma sociedade secreta, a denominando de Ku Klux Klan:

Inclusão da palavra “Kukloi”, derivada do grego “Kuklos”, raiz da palavra inglesa “circle” (em português “círculo”) [...] Como todos tinham ascendência escocesa-irlandesa [...] Acrescentada a palavra “Klan”. Após alguma discussão, resolveram que, para dar um cunho de mistério, e confundir o não-iniciado, as duas palavras deveriam ser reunidas na palavra “Ku Klux Klan”. O som era misterioso, e o sentido de difícil compreensão. (HAAS, 1966, p.15)

Para dificultar o seu reconhecimento e poder praticar os seus atos, decidiram esconder as suas identidades, desta forma utilizaram o que possuíam à mão: lençóis e fronhas de linho. A impressão de serem fantasmas era evidente, concretizando o “ar misterioso”, saindo então com os seus cavalos, também vestidos com capas brancas, pela cidade (HAAS, 1966). Logo a vestimenta da Ku Klux Klan tornou-se uma das partes na construção de sua identidade como um movimento social.

Pensando neste vestuário, a aparência de cada um de seus integrantes torna-se homogênea ao não identificá-los individualmente, corroborando assim para que esses participantes fossem vistos como um único corpo e ainda, fermentando um sentimento de pertencimento em cada um, vindo a reforçar o seu poderio e união. Doise (2002), em seu artigo “Da Psicologia Social à Psicologia Societal”, revela um tipo de análise com base nas ideologias e características de um grupo, essas dando significação a suas ações como indivíduos, valorizando-os, reforçando diferenciações sociais em relação aos outros, tendo como base um objetivo em comum, o que fundamenta a vestimenta da KKK constituir-se como parte da construção de sua identidade.

Em suas primeiras cavalgadas, os ex-veteranos ficaram impressionados pelo medo causado nos negros que “perambulavam” aos montes pelas estradas e notaram que por onde passavam, os negros não voltavam. Cientes de sua influência, passaram a usá-la como controle de seus propósitos. Inicialmente utilizava-se o terror psicológico, porém

com a expansão da Klan, devido à popularidade de suas ações, a entrada de membros “duvidosos” e o aparecimento de grupos análogos espalhados pelos estados do sul, o terror alcançou o corpo físico, com o objetivo de manter os negros submissos e punir quem os defendia:

No lugar de sua irmandade composta pelo elemento melhor, preocupado com a justiça, ou o que entendiam por justiça e com a ação política, entravam nas suas fileiras canalhas e toda uma chusma de criminosos [...] elementos que açoitam pelo simples prazer de açoitarem ou matam pela alegria de ver a vítima morrer. (HAAS, 1966, p.40)

Apesar de mudanças em sua composição e liderança serem feitas durante seu período de atividade, o uso descontrolado da violência continuou fazendo com que nos primeiros anos de 1870 a Klan passasse a ser, com mais intensidade, alvo de ataques da mídia e autoridades. Após diversos julgamentos e prisões de membros da Klan, a população sulista passou a vê-los como um problema e não uma solução para suas demandas, ocasionando o primeiro hiato da Ku Klux Klan e o fim do chamado primeiro ciclo.

A “Ku Klux Klan”

A chamada branquitude acrílica, que segundo Cardoso (2010, p.621,623) fundamenta a atitude da superioridade branca e “quando se expressa de maneira extrema, pratica extermínios, quando age de forma mais branda, procura se inserir no jogo democrático propagando discursos racistas dissimulados de nacionalistas”, explica como as ações da Ku Klux Klan se desenvolveriam neste período.

O segundo ciclo, iniciado em 1915 possuindo métodos, propósitos e alcance diferentes do ciclo anterior (LAW, 2011), baseou-se principalmente no sentimento trazido pelo filme “O Nascimento de uma Nação”, esse sendo a adaptação de um romance escrito anos antes por Thomas Dixon, o qual os negros eram retratados como “selvagens” e oferecendo dessa maneira perigo às mulheres brancas. Sendo assim, os cavaleiros da Ku Klux Klan eram tidos como heróis, essa imagem conquistou novos membros, incluindo crianças, que queriam se sentir como estes “heróis”. Os seus rituais, como o chamado “cruz em chamas”, incitavam a união dos membros, determinando a vontade de pertencer.

Tanto o sentimento trazido pelo filme “O Nascimento de uma Nação” quanto o sentimento de pertencer fomentado pelos rituais são explicados por Chaui (2000, p.171) ao demonstrar que:

O imaginário reprodutor (nas ciências, na Filosofia, no cinema, na televisão, na literatura, etc.) bloqueia nosso conhecimento porque apenas reproduz nossa realidade, mas dando a ela aspectos sedutores, mágicos, embelezados, cheios de sonhos que já parecem realizados e que reforçam nosso presente como algo inquestionável e inelutável.

Haas (1966) acrescenta a essa perspectiva que ao fim da primeira guerra mundial desenvolveu-se o ódio contra imigrantes que buscavam nos Estados Unidos a chance de uma nova vida e traziam consigo o comunismo, o catolicismo e o judaísmo, o que feria o orgulho branco-protestante estadunidense. Observa-se nesse momento a inserção de novos opositores, o que faria a Ku Klux Klan utilizar-se da religião como nova forma de segregação. A expansão desse ódio, e o uso de estratégias de marketing possibilitou o crescimento da Klan, que neste segundo ciclo cobrava uma taxa de dez dólares dos novos membros, para além dos estados sulistas, espalhando-se por todo país.

A influência deste ciclo permeou a esfera política. A KKK praticava atos de violência, mas como alistavam líderes de algumas comunidades, seus atos que incluíam agressões com ácido, enforcamentos, castrações, entre outros (BRISTER, 2011), eram vistos como de “justiça” e nada era feito. Nas cidades onde sua influência era menor, faziam o uso da “caridade” para conquistar os cidadãos:

[...] muita da caridade era feita de forma um tanto dramática [...] num estado do sul, quando tinham perdido o poder, os membros da Klan conseguiram publicidade nacional oferecendo um rádio de presente a um ex-escravo muito idoso e quase cego. (HAAS, 1966, p.88)

Sua queda teve início após escândalos envolvendo membros (LAW, 2011), ocasionando a queda de sua popularidade, visto que o sentimento de pertencimento ao grupo se fragilizou e a associação com a Klan se tornou algo negativo. Segundo Haas (1966), a contagem de membros passou dos seus mais de 3 milhões em 1926 para menos de 350 mil em 1927. Depois de várias tentativas da Klan se reerguer, recebeu por fim uma multa de alto valor por impostos atrasados, levando-a a se reestruturar, deixando de

possuir uma única liderança, dividindo-se em várias células e finalmente encerrando este ciclo em 1944 (BRISTER, 2011).

A “KKK”

O terceiro ciclo engloba a era da luta pelos direitos civis dos negros, iniciando-se em meados de 1950 e permeando até a contemporaneidade. Porém, a conjuntura de sua fundação mudou a questão da supremacia branca que continua sendo a principal bandeira de luta da Klan. O movimento se fortalece ao voltar-se novamente aos estados do sul dos Estados Unidos onde houve pouca evolução nas atitudes raciais desde o primeiro ciclo (BRISTER, 2011). O chamado “poder branco” manteve-se como maior identidade e as roupas e rituais permanecem sendo resquícios dos ciclos anteriores, além do extremismo e da violência que continuaram como marca dessa nova fase, sendo seus primeiros anos lembrados pelo uso de explosivos.

A segregação racial volta a ser a principal questão dentro do movimento, tendo o negro como seu principal opositor. Como demonstrado por Rouquette (1999), uma das condições para a violência das massas é a identificação com o seu próprio grupo como sendo superior ao grupo oposto, nesse caso, demonstrado na atitude da Ku Klux Klan de subjugar, naquele momento, as lutas pelos direitos civis e a igualdade racial defendida pelos negros, tornando-se novamente uma questão político-social.

Como afirma Brister (2011), não existiam provas sobre a influência da Klan no meio político nesse ciclo. Por outro lado, o seu poder era evidente com as autoridades locais que nada faziam com relação aos seus atos violentos e terroristas. Todavia com o aumento da força utilizada, como no caso nacionalmente divulgado em 1963, também relatado por Brister (2011), onde explosivos foram utilizados em um ataque à uma Igreja Batista ocasionando a morte de 4 garotas negras, sua imagem voltou a ser negativa e conseqüentemente sua “imunidade” acabou.

Perderam sua luta contra a aprovação dos direitos civis em 1964 e nessa mesma época foram alvo de investigações do FBI que revelaram a participação de membros da Klan, incluindo agentes da lei, em assassinatos e tentativas de assassinato (BRISTER, 2011). Os resultados dessas investigações geraram no fim dos anos 1960 uma nova queda no número de membros.

Inserir-se aqui uma questão importante analisada por Laird (2017): enquanto o primeiro ciclo foi composto pela classe alta e o segundo pela classe média, o terceiro teve em sua maioria membros pertencentes a classe “trabalhadora”, sendo esse ciclo evitado pelos mais “educados”, empresários e pela igreja, como afirma Brister (2011).

A Ku Klux Klan permaneceu sem fazer alarde por alguns anos, voltando a aparecer na mídia em meados dos anos 1970, apresentando tentativas frágeis de transformação de sua imagem, pois um segmento do movimento planejou um ataque contra um ato comunista em 1979 (BRISTER, 2011), posteriormente julgado nos tribunais, foi considerado legítima defesa por um júri branco-cristão. Nos anos seguintes a Klan continuou viva, não tão violenta quanto anteriormente, porém mantendo a sua característica terrorista e promovendo acampamentos paramilitares para os adultos, e para as crianças a Ku Klux Kids, além de continuar com suas ameaças.

Intermitentemente era alvo de investigações por conta de seus atos, sofrendo mais uma vez com processos provenientes de suas vítimas, o que os levou a falência, então tiveram de lidar com grupos contrários que dificultavam a propagação de sua ideologia, levando novamente à queda no número de membros que no meio dos anos 1990 não passavam de 1.500. Segundo Brister (2011), a Klan não conseguiu preservar seu poder, sendo atualmente vista como motivo de chacota pela sociedade estadunidense pelo fato de não conseguir manter os seus membros plenamente satisfeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi identificar os movimentos de extrema direita como movimentos sociais, inserindo a Ku Klux Klan dentro dessa análise. Ao final, foi possível verificar a partir de seu surgimento, as suas bandeiras de luta, os seus opositores e, mais ainda, a construção do seu contexto histórico como um movimento social de extrema direita. A Klan se mostrou adaptável às demandas sociais dos seus membros em cada período de sua história, ou seja, ela não permaneceu estática.

Resgatar o contexto histórico do Ku Klux Klan se faz importante para entender o surgimento de outros movimentos de extrema direita e a difusão de atitudes racistas,

tendo em vista que o crescimento do extremismo de direita, aliado à questões raciais, incitou o reforço dessa conjuntura.

Fica claro que a principal bandeira de luta da Ku Klux Klan foca-se, em todos os ciclos, na questão racial. Sendo o primeiro ciclo uma tentativa de preservar o “status quo” econômico, mantendo os negros escravizados e os nortistas afastados. No segundo ciclo verifica-se o aumento da violência direcionada aos negros, passando a abranger os imigrantes, assim diversificando o seu ódio. Encerra-se por fim o terceiro ciclo, marcado pela violência extrema contra os negros e a todos que os apoiavam em suas lutas pelos direitos civis.

Ao final, verifica-se a necessidade do estudo de movimentos de extrema direita para que ao conhecer os seus contextos históricos e os seus desenvolvimentos, tenha-se a fundamentação essencial para uma compreensão crítica da realidade.

REFERÊNCIAS

BORRI, G. T. et. al. A extrema-direita na atualidade. In: **Revista Serviço Social & Atualidade**. São Paulo: n. 119 pp. 407-445, jul-set 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n119/a02n119.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018

BRISTER, P. D. **Ku Klux Rising: Toward an understanding of American right wing terrorist campaigns**. 2011. 275f. Dissertação de Doutorado - Naval Postgraduate School, Monterey, 2011. Disponível em: <https://calhoun.nps.edu/bitstream/handle/10945/10800/11Sep_Brister_PhD.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 abr. 2018.

CARDOSO, L. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. In: **Revista Latino Americana de Ciências Sociais**, Niños Y Juventud, Manizales: vol. 8, núm. 1, pp. 607-630, jan-jun 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v8n1/v8n1a28.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DOISE, W. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília: v.18, n. 1, pp. 027-035, jan-abr 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v18n1/a04v18n1.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

DURIGUETTO, M.L.; MONTAÑO, C. **Estado, Classe e Movimento Social**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, N. G. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. In: **Revista brasileira de educação**. Campinas: v. 16, n. 47, pp. 333-361, mai-ago 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

HAAS, B. **Ku Klux Klan**. 1 ed. São Paulo: Dinal, 1966.

HARTMANN, S.H. de G.; SANTAROSA, S. D. **Práticas de escrita para o letramento no ensino superior**. 1 ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

LAIRD, L. **“To be Part of Something” - The Ku Klux Klan and Its Appeal to Working Class North Carolinians During the 1960s**. 2017. 62f. - Tese para Honra - Duke University - Sanford School of Public Policy, Durham, 2017. Disponível em: <https://dukespace.lib.duke.edu/dspace/bitstream/handle/10161/14343/Laird_KKK60s.pdf?sequence=>>. Acesso em: 30 de abr. 2018.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1985.

LAW, J. R. **The Fall of Ku Klux Klan in the Postbellum South**. 2011. 45f. - Tese de Mestrado - San Diego State University, San Diego, 2011. Disponível em: < http://sdsu-dspace.calstate.edu/bitstream/handle/10211.10/1126/Law_Jack.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 abr. 2018.

LEWIS, M.; SERBU, J. Kommemorating The Ku Klux Klan. In: **The Sociological Quarterly**. Berkeley: v. 40, n. 1, pp. 139-157, 1999. Disponível em: < <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.459.3595&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

ORTELLADO, P. **O que são “movimentos sociais”. E como está o debate sobre o uso do conceito**. 12 jan. 2018. Entrevistador: Paulo Flores. Disponível em: < www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/12/O-que-são-‘movimentos-sociais’-E-como-está-o-debate-sobre-o-uso-do-conceito>. Acesso em: 30 abr. 2018.

ROUQUETTE, M. L. Massas, normas e violência. In: **Ciência & Saúde Coletiva**. v.4, n. 1, pp. 201-204, 1999. Disponível em: < <https://scielosp.org/pdf/csc/1999.v4n1/201-204/pt>>. Acesso em 30 abr. 2018.